

A FICCIONALIZAÇÃO DO DESEJO: O EROTISMO E A PORNOGRAFIA COMO OBJETOS DE CONSUMO NA MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Marina Vieira de Carvalho*

RESUMO: Esse artigo problematiza algumas enunciabilidades em torno da sexualidade humana, mais especificamente: a produção considerada pornográfica do Rio de Janeiro, da virada do século XIX para o século XX. Produção aqui compreendida como uma via de entrada da cidade à modernidade. Com esse objetivo, percorro alguns movimentos de significação do que seria erotismo e pornografia para as modernas sociedades ocidentais, chegando as condições de possibilidade que levaram ao aparecimento de uma imprensa de *gênero alegre* (pornográfica).

Palavras-chave: pornografia; erotismo; modernidade; imprensa.

RÉSUMÉ: Cet article problématise des énoncées autour de la sexualité humaine, plus précisément: la production pornographique de la ville de Rio de Janeiro, à la fin du XIXe siècle et au début du XXe siècle. Production ici entend comme une forme d'entrée de la ville à la modernité. Dans cet objectif, nous avons parcouru quelques mouvements de signification qui serait l'érotisme et la pornographie pour les sociétés occidentales modernes, atteignant les conditions de possibilité qui ont conduit à l'émergence d'une *presse amusante* (pornographique).

Mots-clés: pornographie; érotisme; modernité; presse.

Introdução

Ler. Ato individual, silencioso: momento em que o indivíduo, em meio à correria do mundo moderno, produz um intervalo para se entregar as dores e delícias da narrativa.¹ Este ato tão intimista é também uma prática social: o texto que se apresenta diante do leitor é produto de toda uma rede de comunicação, entrelaçada por interesses políticos, econômicos, sociais e culturais.²

* Doutoranda em Política e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisa fomentada pela FAPERJ. Coordenadora da linha: *Vulnerabilidades* do Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades (LEDDES / UERJ).

Contato: marinacarvalhohist@gmail.com

¹ Refiro-me a noção de tempo moderno (acelerado e que se auto reconhece enquanto novo e em constante transformação) analisado por Hans Ulrich Gumbrecht, em: *Cascatas de Modernidade*. In: **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

² Refiro-me aqui à história da leitura como campo de estudos e reflexão. Entre os autores que se dedicam ao tema, destaca-se Roger Chartier, que, a partir de uma ampla análise das técnicas de impressão, dos produtores e dos leitores, adota a perspectiva que considera “os consumos culturais como forma de ‘produção’ que, certamente, não fabrica objetos, mas que cria usos e representações, nunca idênticos àqueles que os produtores dos artefatos culturais almejavam. Aparentemente passiva e submissa, a leitura é, em si, inventiva e criativa.” CHARTIER, Roger. **As revoluções da leitura no ocidente**. In: ABREU, Márcia (org). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 1999, p. 22.

Sendo a leitura um exercício social tão complexo, cabe ao historiador buscar as condições de possibilidade de sua emergência, bem como os diferentes usos que um determinado texto pode possibilitar. E quando a leitura aborda um tema como a sexualidade humana? Questão bastante íntima e, simultaneamente, atravessada por condicionamentos morais; acontecimento sociocultural, submetido à regras, convenções, costumes, subjetividades, jogos de poder, entre outros.

Robert Darnton³ afirma que o sexo é um assunto especialmente bom para se pensar devido a sua concretude na vida cotidiana. As práticas sexuais são construídas culturalmente e, por isso, significam relações até então inéditas e assuntos ainda não demarcados em seus limites. Para o historiador, é um meio de encontrar ambiguidades e fronteiras características de um determinado momento porque as práticas e os interditos sobre o sexo se alteram conforme a sociedade e a época.

As tensões entre diferentes formas de comportamento sexual não aparecem apenas nos nossos tempos. A virada do século XIX para o século XX marca a intensificação da modernização dos centros urbanos, momento em que os papéis sexuais passaram por um momento de inflexão, não sendo mais regulados, prioritariamente, por valores religiosos, mas sim pelos discursos científicos (a clínica médica, a psiquiatria, a pedagogia), sendo essa uma marca da modernidade.⁴

A História não está alheia a tal discussão, visto que a sexualidade é um acontecimento que varia conforme o lugar e o momento. Partindo de uma escrita motivada por seu tempo, problematizo as contingências históricas de enunciados considerados, em sua época, pornográficos⁵; escritas essas que, no caso do Rio de Janeiro, tematizavam o cotidiano da cidade, suas transformações, bem como as práticas socioculturais, econômicas e políticas de seus habitantes. Para compreender como a pornografia invadiu a cena editorial da capital do país no final do século XIX, primeiramente, analiso os significados dos termos *pornografia* e *erotismo* no Ocidente Moderno.

³ DARNTON, Robert. **Sexo dá o que pensar**. In: NOVAES, Adauto. **Libertinos e Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 21-42.

⁴ O livro *Missionários do Progresso*, a partir de uma matriz discursiva foucaultiana, analisa como o saber científico vai preenchendo as relações de poder cotidianas da cidade do Rio de Janeiro da Primeira República. Nesta nova configuração da cidade, os enunciados considerados cientificamente corretos passam a ocupar o papel de “verdades” a serem “naturalizadas” pela população; o que vai transformando a *velha* cidade escravista na *moderna* capital urbana. HERSCHANN, Micael; KROPF, Simone e NUNES, Clarice. **Missionários do Progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

⁵ Para Michel Foucault enunciado é “uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (...) não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.” In: FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 98.

Erotismos e Pornografias

A ambiguidade em relação à pornografia e ao erotismo demarcam fronteiras sexuais traçadas pelas sociedades. Nos primeiros textos pornográficos modernos (ainda no Renascimento como atesta, por exemplo, a produção de Pietro de Arentino), havia uma correlação entre sexo e religião, já que esta definia as fronteiras entre o lícito e o ilícito. Posteriormente, as relações se modificam: o conjunto de textos dos chamados libertinos “proporcionou todo um arsenal para golpear a aristocracia, o clero, a monarquia” (DARNTON, Robert. 1996: p. 23). Darnton afirma que, no século XVIII francês, ser libertino “dizia respeito tanto ao corpo quanto ao espírito, à pornografia e à filosofia. Os leitores sabiam reconhecer um livro de sexo quando viam um, mas esperavam que o sexo servisse como veículo para ataques à Igreja, à Coroa e a toda espécie de abuso social” (DARNTON, Robert. 1996: p. 25). Os livreiros neste momento não classificavam os textos pornográficos como um gênero a parte, eles integravam da categoria *livros filosóficos* e eram classificados como ilegais pelo seu conteúdo sedicioso e irreligioso; um romance pornográfico, como *Teresa Filósofa* (1748), era uma arma erótica em nome dos ideais iluministas.

Quando o assunto é libertinagem, o autor mais conhecido e lembrado é Donatien de Sade. Daniel Ferreira, em sua tese de doutorado *As Matrizes Discursivas do Pensamento de Sade*, busca as condições para o surgimento da escrita sadiana, tecendo a relação de sua produção com o cenário em que foi escrita. “Sade inseriu-se no debate e investigação sobre a natureza humana atento aos conflitos entre as concepções de um homem bom [Rousseau] ou egoisticamente dirigido [Hobbes]” (FERREIRA, 2010: p. 153). Seus textos, segundo Ferreira, equilibrariam a vida entre o bem (natureza) e o mal (corpo), isto é: o escândalo de Sade não está simplesmente nas descrições de “orgias sexuais”, mas em levar temáticas políticas, sociais e filosóficas para a alcova. A escrita de Sade se diferencia, assim, do verbete *sadismo*, criado posteriormente pelo discurso médico, entrincheirado dentro de uma normatividade que retirava suas dimensões filosóficas. Eliane Moraes (MORAES, 2004) ao estudar textos pornográficos, como os de Sade, propõe a noção de *textos degenerados*. Esse tipo de escrita, ao debater temáticas reflexivas para além da função masturbatória, romperia com os limites impostos à pornografia, não se encaixando nas classificações literárias habituais.

Entre disputas semânticas do que seria uma escrita pornográfica, filosófica ou mesmo literária, é necessário precisar dois termos que atravessam essa pesquisa: o erótico e o pornográfico. Ferreira afirma que o verbete *erótico* aparece no *Dictionnaire de L'Académie*, em 1878, como adjetivo para assuntos amorosos em poemas e romances. Porém, nem toda manifestação amorosa poderia ser tratada como erótica, pois o dicionário também a associava à

erotomanie: classificação médica para um delírio específico. O verbete se aproxima da definição da *Encyclopédia*, de Diderot e D'Alembert, que atribuía ao erótico a dupla adjetivação: amorosa e médica (o delírio viria do “excesso” de apetite sexual).

Já em meados do século XIX, surge uma nova compreensão sobre a sexualidade, inserida em outro discurso médico, efeito de novas relações de poder: na observação clínica o foco não está mais na doença, mas no doente. Dessa forma, são traçados padrões de comportamentos sexuais tidos como normais (saudáveis) e desviantes (patológicos). O que leva a uma ressignificação do erótico: ele passa a ocupar grande parte da vida do indivíduo, sua energia sexual o define social e politicamente. Com Freud há um rearranjo do erótico: entram em cena a sexualidade infantil e a libido, energia ou força presente nos seres humanos, a qual pertence à especificidade erótica. Esse humano sexualizado, segundo Daniel Ferreira, estabeleceu vínculos inéditos:

A identidade trágica presente nessa imagem erótica da vida, conforme proposta por Freud no começo do século XX, e que já vinha se constituindo como um tema desde o fim do século XVIII, servindo para abordagens das transformações sociais e da experiência humana na modernidade, completou um movimento em que o erotismo passou a se relacionar com uma experiência estética. (FERREIRA, 2010: 45)

Charles Baudelaire, em *O Pintor da Vida Moderna* (BAUDELAIRE, 2010), tematiza a natureza do artista moderno a partir da percepção da ambiguidade do belo, eterno e efêmero a um só tempo: o poeta, ao se relacionar com as cenas da vida moderna, percebe a beleza contraditória desses cenários e sinaliza as novas possibilidades estéticas e poéticas, dando à sexualidade também um papel central. Na experiência moderna, o belo não é um postulado exclusivo dos temas considerados altos, sublimes (a natureza, a herança greco-romana, os temas bíblicos), mas pode ser encontrado também no grotesco e no efêmero, espetáculo sempre renovado no palco das grandes cidades. Dessa forma, o artista moderno, um *flâneur* (uma das figuras mais inspiradas de Baudelaire) vaga em meio à multidão urbana a fim de encontrar a beleza na banalidade cotidiana - nos tipos, nas cenas e nos temas da vida ordinária. Essa dimensão estética da existência também é redefinida no corpo erotizado: ele passa a fazer parte das manifestações do sublime, em suas formas diversas e contraditórias.⁶

Já em relação ao termo pornografia, Lynn Hunt (HUNT, 1999: p.13) argumenta que o neologismo foi criado na França do século XVIII, porém só foi catalogado em dicionários do

⁶ O próprio Baudelaire escreve poemas eróticos, devido aos quais, em 1857, é condenado no processo das *Fleurs du Mal* por, segundo a sentença, criar obras que “conduzem à excitação por um realismo grosseiro e ofensivo”. Sentença do processo *Fleurs du Mal*. Paris, 20/08/1857. In: ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 237.

século XIX. Em 1803, as palavras pornografia e pornográfico apareceram no *Dictionnaire Universel de la Langue Française*, de Boiste. Darnton. Ao analisar o pornográfico, o verifica em seu sentido etimológico, qual seja: escritas sobre prostitutas. Tal sentido aparece pela primeira vez num tratado sobre prostituição pública de *Restif de la Bretonne*, escrito em 1769. O autor ressalta que não havia homogeneidade em seu significado: para uns deveria se ater a escrita da prostituição, distinguindo-a de outras formas de erotismo; para outros, definiria textos que, ao descreverem uma atividade sexual, tinham por objetivo violar a moral estabelecida e excitar o leitor.

Ainda sobre a heterogeneidade do termo pornográfico, Daniel Ferreira, ao analisar o texto de Restif de la Bretonne, *Le pornographe* (1769), destaca que nele a pornografia não era propulsora da corrupção moral e sim um meio de reformar a sociedade. Restif de la Bretonne integrou o chamado iluminismo reformista que propunha métodos para *curar* a sociedade por meio de “antídotos” produzidos pelo esclarecimento racionalista. Ele chegou a definir-se como pornógrafo, em seu sentido etimológico: palavra grega que significava “a regra dos lugares destinados à licenciosidade”, desta forma ser pornógrafo, segundo Restif de la Bretonne, é ser o “escritor de tratado sobre prostituição” (BRETONNE, 1769: p.60. Apud: FERREIRA, 2010: p. 55).

Daniel Ferreira frisa que o uso da palavra pornografia, enquanto oposição ao erótico, já aparecia em *La grande encyclopédie* (1886-1902). Le Goffic, responsável pelo verbete erótico, demarcou a diferença desse tipo de poesia em relação ao que seria poesia sádica para os modernos e a poesia pornográfica para os contemporâneos. Tal separação seria “um esforço de discutir as práticas de saneamento da sociedade a partir do controle, do ordenamento e da modernização dos espaços e instituições.” (FERREIRA, 2010: p. 56). Assim, dentro dos prostíbulos, as prostitutas teriam seus corpos e hábitos vigiados e disciplinados pelo controle higienista.

Esse otimismo reformista em relação ao progresso da humanidade sofreu uma inflexão semântica a partir dos eventos de 1871, quando a Comuna mostrou a urgência de criar novas formas de controle das massas. Com esse objetivo, novas relações de poder atravessaram o termo pornografia, ganhando dimensões morais, científicas e políticas - o próprio governo, iniciado em 1871, era chamado de *República Pornográfica*.⁷

⁷ Neste contexto, os grupos conservadores se organizaram e criaram a Liga Francesa em prol da Restauração da Moralidade, a qual se posiciona radicalmente contra a prostituição; em seguida, ocorre também o Congresso Antipornográfico, em 1905. No mesmo movimento é criada uma federação internacional antipornográfica, *Le bulletin d'informations antipornographiques*, em 1911.

Com a intensificação das práticas capitalistas⁸, ocorreram outras ressignificações na produção e no consumo pornográfico. A partir do final do século XIX e início do século XX a pornografia vai sendo entrincheirada como objeto de consumo: mercadorias, representações dos corpos e práticas sexuais são vendidas e compradas numa nova estética pornográfica. Nela, as preocupações sanitárias e morais são substituídas por uma estética de corpos perfeitos e de sexo “limpo”, sem suor, sem troca de fluídos – aqui há também a presença das questões de saúde pública. A pornografia passa a ser uma forma de satisfazer os desejos que podem ser consumidos e até aperfeiçoados. O aparecimento de novos padrões de beleza, com seus corpos perfeitos e limpos, circunscreve-a numa nova função, onde ela surge como um agente da nova estetização da vida contemporânea (FERREIRA, 2010).

Contudo, sobre os atuais significados dos termos erótico e pornográfico, Eliane Moraes (MORAES, 2006) afirma que seus usos relacionam-se a julgamentos morais. O vocabulário e as imagens considerados *sujos, vulgares, baixos* indicam o que seria o pornográfico: tratar temas sexuais de forma direta; já o erótico seria aquilo que não fala diretamente, mas insinua. Tal classificação não corresponde aos autores que trabalham o sexo como fonte de estetização e conhecimento.

As transformações que as práticas capitalistas suscitaram nas sociedades ocidentais são tidas pelos historiadores da pornografia como um elemento possibilitador do surgimento e da propagação do gênero pornográfico. A historiadora Paula Findlen afirma que “a pornografia é um fenômeno de mercado, relacionado com a persistência da cultura manuscrita, o impacto da atividade de impressão, a natureza da autoria, a difusão da alfabetização e o processo no qual as palavras e imagens circulavam” (FINDLEN, 1999: p. 32). O surgimento de novas tecnologias de impressão baratearam a impressão e reprodução literária.

Dessa forma, surgiu um nicho de mercado voltado para atender as demandas por consumo de imagens e textos lascivos dos habitantes dos centros urbanos, em expansão. Tal produção foi classificada e delimitada num espaço que a regulamentava e a definia: a obscena. Isto é: foi considerada um gênero menor por tratar de temáticas ligadas ao corpo, logo, longe e abaixo de temas considerados superiores – racionais, científicos. A obscena pornográfica invadiu as cidades modernas e o Rio de Janeiro, considerado vitrine da nossa modernidade, irá apresentar uma rica produção literária, imagética e jornalística de temas sexuais.

Rio de Janeiro: cidade pornográfica.

⁸ Eric Hobsbawm, em *A Era do Capital*, analisa tal processo (o desenvolvimento do capitalismo industrial e suas relações com a moral, ciência e política), escolhendo como marcos históricos o período entre a Primavera dos Povos (1848) e o início da Grande Depressão (1875). Confira: HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

A pornografia, enquanto fenômeno de mercado, é um dos acontecimentos da modernidade do Rio de Janeiro. A produção de livros passou a ser um *bom negócio*: barateada, torna-se acessível não apenas aos setores eruditos, mas a toda população urbana alfabetizada.⁹ Fato esse que, segundo a historiadora Tânia Bessone (FERREIRA, 1994), transforma o mercado editorial carioca da passagem do século XIX para o XX: os editores passam a apostar em publicações com temas diversificados, de apelos mais popular e livros de consumo específico (os escolares, por exemplo), diminuindo o número de edições direcionadas a um público mais erudito. Dentre esses livros mais populares, Bessone destaca os “textos de qualidade discutível para os padrões morais da época” (FERREIRA, 1994: p.122), que eram anunciados em periódicos como o *Jornal do Commercio*, no qual a historiadora encontrou anúncios de títulos como: *L’ Amour à Paris*, *L’ Armée du vice*, *L’ Alcove du Cardinal* (livros que estavam sob suspeita pelas comissões de censura na França devido ao teor pornográfico).

Alessandra El Far, em *Páginas de Sensação* (FAR, 2004), argumenta que o Rio de Janeiro, comparado a outras cidades brasileiras, tinha o maior número de pessoas que sabiam ler, o que não foi ignorado pelo mercado editorial da cidade:

Enquanto 80% dos brasileiros não sabiam ler nem escrever, quase metade da população carioca aparecia, nos dados oficiais, liberta desse mal. Segundo o censo de 1890, a população da capital federal era de 522 mil habitantes, um número que praticamente havia dobrado em relação ao recenseamento de 1872. Desse meio milhão de moradores, 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados, o que representava, em termos numéricos, cerca de 270 mil pessoas capazes de ler e escrever. Com o novo século, o índice populacional cresceu de modo acelerado. Em 1906, havia na cidade 811 443 almas, cujo montante de possíveis leitores ultrapassava os 400 mil. (FAR, 2004: pp.12-13.)

El Far afirma que no final do século XIX, certas transformações da capital do país (como a vinda de imigrantes europeus, o aumento da população livre, o crescimento da população assalariada, o estabelecimento de profissionais liberais), possibilitaram o surgimento dos chamados *livros para o povo*. Nessa perspectiva, quando os editores publicavam “livros para o povo”, seu foco não era a chamada *arraia-miúda*, mas sim o crescente setor médio da cidade em modernização. As livrarias não se limitavam mais às belas e caras ilustrações vindas da Europa e aos autores eruditos; o sucesso editorial estava em brochuras baratas com temas diversos que

⁹ Roger Chartier analisa esta transformação na produção de textos impressos como uma das Revoluções da História da Leitura. Esta acontece entre os séculos XVIII e início do século XIX, a qual diversifica e multiplica as modalidades de impressos, gerando novas práticas de leituras - como, por exemplo, o livro de bolso e os novos gêneros de periódicos. Porém adverte que tal fenômeno é mais acentuado em alguns lugares e a alguns meios sociais. Confira: CHARTIER, Roger. **Uma revolução da leitura no século XVIII?**, In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. **Livros e Impressos. Retratos do setecentos e do oitocentos**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009, pp. 93-106.

eram escolhidos por seu estilo “popular”. Esses eram os que mais vendiam: leituras rápidas, de compreensão fácil, enriquecidas com ilustrações.

O gosto pelo romance também era incentivado pelos periódicos que publicavam folhetins em seus rodapés, bem como anunciavam os novos sucessos de venda de obras que lotavam as prateleiras das livrarias *Quaresma* (proprietária da então famosa *Livraria do Povo*), *Laemmert*, *Crus Coutinho*, *Domingos Magalhães*, entre outras.¹⁰ O romance era, sem dúvida, um dos gêneros mais consumidos na época.

Os chamados *romances de sensação* e os *romances para homens* obtinham grande sucesso editorial.¹¹ El Far explica que os *romances de sensação* eram dramas repletos de assassinatos, crimes violentos e acontecimentos surpreendentes. Já os *romances para homens* continham descrições explícitas de atos sexuais. A designação “para homens”, por um lado, servia de aviso da modalidade pornográfica do enredo e também alertava ser uma leitura não aconselhável para as mulheres; por outro, era um indicativo do conteúdo que o leitor iria encontrar (descrições de atos sexuais), estimulando assim a compra. Essa classificação era uma restrição exercida no âmbito da moral, já que não havia nenhuma lei que proibisse a circulação do gênero.

Assim, essas escritas, apesar do posterior silêncio em que foram enclausuradas, compõem a cena literária carioca, tendo destacado papel na formação de um público leitor de massa. Os *romances de sensação* e *para homens* revitalizaram, diversificaram e ampliaram o mercado editorial da capital do país. El Far afirma que títulos como *O Aborto* e *A mulata* chegaram a vender cinco mil exemplares em poucos meses. Para os historiadores interessados em analisar a sociedade carioca de então, o sucesso de vendas destes romances indica suas ligações com a época. Divulgados e lidos por parcelas cada vez mais amplas da sociedade, são uma rica documentação para o estudo de seus significados e de suas relações com os conflitos, tensões e normalizações daquela sociedade.

A imprensa de *gênero alegre* é outra modalidade de produção pornográfica que aparece nesse momento na cidade. Ela se caracteriza pela escolha de temas cuja linguagem (textual e imagética) explorava conteúdos sexuais. Este tipo de periódico, assim como os romances, dialogava com as transformações da capital; sendo mesmo um dos efeitos do processo de

¹⁰ Surgem, assim, rótulos com a preocupação de atingir esse “povo leitor”, dentre eles, estão: Orador do povo; Médico do povo, Trovador do povo, Lira popular; História natural popular; Mistérios do povo, Cozinheiro popular; Livro do povo ou silabário brasileiro. Confira: FAR, Alessandra El. Op. Cit., p. 80.

¹¹ Sobre o conteúdo desses romances, El Far comenta que em sua maioria descreviam adultérios, incestos, homossexualismo e prostituição: Em graus e intensidades diferentes, lá estavam os padres transgredindo as regras de castidade, as mulheres casadas burlando suas promessas de fidelidade, os homens solteiros renegando os laços do casamento, as jovens meninas entregando-se à vida pública dos bordéis e das aventuras amorosas desmedidas. Ibid., p. 15

urbanização (o desenvolvimento do mercado editorial). É por meio da análise das relações entre autores, leitores e editores que se pode analisar os significados dos periódicos de *gênero alegre*.

A historiadora Cristiana Pereira (PEREIRA, 1997) pesquisou a chamada *belle époque elegantemente imoral*, marcada pela valorização e consequente visualização de novos divertimentos considerados modernos, tendo Paris como modelo. Surgiram novos estabelecimentos e funcionários ligados a essas novas formas de lazer-prazer. Muitos obtinham vantajosos lucros com os teatros e os filmes de enredos pornográficos. O *Rio Nu*, em 1903, anunciava:

As funções dos cassinos estão cada vez mais divertidas. Agora, além do que se vê no palco do teatro, há, do lado de fora, um outro divertimento interessantíssimo: mulheres nuas, apresentadas num cinematógrafo da rua Senador Dantas gratuitamente apreciadas pelos habitués do cassino. (RIO NU, 1903: 25/03)

Empresários, como Pascoal Segreto¹², enriqueciam anunciando novas iluminações para peças de teatro e filmes cuja atração principal era a obscenidade dos espetáculos. Esses modernos espaços de lazer eram frequentados por diferentes setores da sociedade. Diversidade retratada pelos redatores do *O Rio Nu*: “O pessoal da plateia é difícil de ser descrito. Há ali de tudo: brancas, negras, mulatas; estrangeiros e nacionais; bem vestidos e descalços.” (Rio Nu, 1905: 06/05)

Ao comparar o *Rio Nu* ao *Sans Dessons*, dois jornais de *gênero alegre*, Cristiana Pereira destaca que este divulgava a chamada *belle époque imoral*, celebrando as prostitutas francesas enquanto agentes de difusão das práticas “civilizadas de imoralismo”; já aquele era voltado para uma parcela maior de leitores, principalmente, os economicamente pobres, por isso investia em uma abordagem mais popular. Apesar das diferenças, Pereira frisa que os dois ratificariam estereótipos de gênero e sociais:

As relações tematizadas por estes periódicos nada tinham de ‘permissivas’ no sentido de constituírem um universo que se oporia a um mundo cotidiano ‘normatizado’. Essas abordagens podem ser tomadas como a expressão de um certo entendimento das relações sociais ‘cotidianas’. De especial, esta forma de expressão parece ter a possibilidade de naturalizar as hierarquias e os lugares sociais, por representá-los através de identidades de gênero fixas e também naturalizadas. As transgressões morais tematizadas nos dois periódicos, neste sentido, podem ser lidas como uma forma de reafirmar algumas normas de gênero... (PEREIRA, 1997: pp.199-200).

¹² O empresário Pascoal Segreto aparece no Almanaque do Teatro, de 1906, como o proprietário dos teatros São José, Carlos Gomes (antigo Sant’Ana) e *Maison Moderne*. Todos próximos à Praça Tiradentes. Cristiane Pereira informa que os preços variavam bastante, no São José, por exemplo, os valores variavam: desde os acessíveis (300 réis para as galerias) aos mais caros (30 mil réis para camarotes e frisas). In: PEREIRA, 1997: p. 2

A historiadora Natália Peçanha (PEÇANHA, 2012), argumenta que o jornal *Rio Nu* seria um agente civilizador da população masculina carioca.¹³ Suas páginas construiriam a imagem da mulher negra como subalterna e sem atrativos sexuais, não mais caracterizada enquanto tipo sexual atraente. Na moderna capital do país, a herança escravista era algo que deveria ser obliterado, desta forma, este tipo de escrita exerceria a função de tolher práticas sexuais que miscigenavam a população desde os tempos coloniais. Devido a sua linguagem simples e preço acessível, o *Rio Nu* seria um agente pedagógico para a educação de uma nova masculinidade urbana, onde o padrão sexual estaria na mulher branca e não na escrava-criada negra.

No entanto, há uma especificidade da República brasileira. O novo regime político que se instala aqui, conforme José Murilo de Carvalho, não é o da chamada *República Jacobina*. Em *A formação das almas* (CARVALHO, 2004), o historiador afirma que entre as diferentes concepções de República em disputa, aquela que sai vitoriosa é a Liberal. Esta causa desencanto entre os que desejavam uma República baseada na ideia de “coisa pública”, apropriação do modelo francês. Este novo cenário político também não é favorável ao iluminismo libertino, pois tal erotismo não é escolhido como um discurso pertinente tanto ao novo regime político quanto a nova moralidade republicana em construção, cuja miragem é o modelo oitocentista de uma burguesia “vitoriana” e ilustrada. O desencanto com a República concreta é tematizado nos jornais da época, onde a alegoria feminina da nossa República, segundo José Murilo de Carvalho, é representada não como a francesa (a *Marianne*, símbolo de liberdade e revolução), mas como a *Maria*: uma República prostituída por se deixar levar pelos interesses do capital, do lucro fácil.

Nessa perspectiva, os periódicos de *gênero alegre* passam a ser alvos da perseguição de diversos setores da sociedade. Houve um conflito no interior da imprensa: alguns parabenizavam as iniciativas do *gênero alegre*, outros o consideravam uma imprensa “menor” ou mesmo um desserviço ao jornalismo, devido à obscenidade de suas páginas. Setores que zelavam pela “moral e os bons costumes” também atacaram a imprensa pornográfica, como, por exemplo, o Círculo Católico, organização que congregava várias associações religiosas, e que combateu fervorosamente a *imoralidade* e possíveis *males* dessas publicações.¹⁴

¹³ Norbert Elias, em *O Processo Civilizador*, analisa como, nas sociedades ocidentais, a construção do “moderno” passa pela criação de certa forma de comportamento que chamamos de civilização. Uma forma de autocontrole, uma “segunda natureza” interiorizada pelos indivíduos. Isto é: uma interiorização das pulsões, a naturalização de certas proibições, interditos e criação de sentimentos (por exemplo, o nojo e a vergonha como reação a impulsos orgânicos como o escarro e o arrotos), os quais passam a compor a personalidade individual. Neste momento, o sujeito não obedece a uma coação externa e repressiva, mas sim age de acordo com essa “segunda natureza” internalizada. Confira: ELIAS, 1994.

¹⁴ O presidente da organização, Joaquim Ignácio Tosta, era diretor geral dos Correios e, por exercer tal cargo, emitiu uma circular proibindo a distribuição pelos correios de publicações pornográficas, especificando o *Rio Nu* e o *Sans Dessous*. Naquele momento, os limites que restringiam a imprensa pornográfica eram de cunho moral (e não

Alessandra El Far argumenta que o surgimento e o desenvolvimento da imprensa de gênero alegre também é um fenômeno de mercado, pois visava desfrutar do mesmo sucesso de vendas dos *romances para homens*. Estes, no começo do século XX, continuavam a proliferar, agora também com outras designações: *coleções rubras, de fogo, contos para velhos, obras destinadas a solteirões* (FAR, 2004: p. 274.) O próprio *Rio Nu* passou a publicar romances pornográficos por meio de sua editora, a *Biblioteca d’Rio Nu*, lançada em 1909, também chamada de *Biblioteca do Solteirão*.¹⁵ Essa literatura, devido ao desenvolvimento das novas tecnologias gráficas e da disseminação da fotografia, apresentava ilustrações e fotografias das práticas sexuais tematizadas pelos seus enredos.

Devido à proliferação das publicações e dos pontos de venda deste tipo de romance, assim como ocorreu com a imprensa de gênero alegre, os romances foram perseguidos por uma entidade religiosa: a *Liga Anti-Pornográfica*. Vinculada à União Católica Brasileira, foi fundada em 1912 e, em 1917, renomeada como *Liga pela Moralidade*.¹⁶

Cristina Pereira, ao analisar os *Contos Rápidos* (uma série de contos pornográficos publicados pela editora do *Rio Nu*), afirma que eles seriam “uma reelaboração das diferenças sociais do ponto de vista dos inferiorizados na hierarquia social (...) construído principalmente pelo viés do exotismo (...)” (PEREIRA, 1997: p. 202. *Grifos meus*). Isto é: por apresentarem linguagem e custo acessíveis a maiores parcelas da população, eram escritos para as camadas populares da cidade, inscrevendo uma sexualidade marcada por um suposto exotismo deste segmento social.

Já Alessandra El Far (FAR, 2007: pp. 285-312), ao analisar os mesmos contos e mais dois da época (*A Mulata*, de 1896, e *Um homem gasto*, de 1885) afirma que estas produções seriam

jurídico), por isso o chefe de polícia emitiu uma certidão que restituía o livre trânsito do *O Rio Nu* na Capital, em abril de 1910. Já o *Sans Dessous* não conseguiu responder à acusação de fazer propaganda da prostituição, pois seu principal tema eram as prostitutas francesas. Não foi autorizada a volta de sua distribuição pelos correios. Talvez o momento de tensão política tenha favorecido essa coação: *Sans Dessous* narrava polêmicas com personagens da política e o ano de sua proibição, 1910, marca o momento de disputa eleitoral entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. Ao mesmo tempo, tal acontecimento indica também a diferença de seu público: em sua maioria, assinantes que a recebiam pelos correios (e não pelo público que a comprava pelas ruas, como o caso do *Rio Nu*), o que leva então a falência deste periódico. O periódico *Gigolette – seminário ilustrado gênero alegre*, surge no ano de 1916, com um estilo bem próximo ao *Sans Dessous*.

¹⁵ Os títulos publicados pela editora do *Rio Nu* eram anunciados em seu periódico, acompanhados de uma breve explicação sobre o conteúdo dos romances. Além disso, o *Rio Nu* publicou também álbuns ilustrados com mulheres nuas e diversas posições sexuais, acompanhadas de suas respectivas explicações, a chamada *Coleção de Fogo*, composta por cinco álbuns. In: (PEREIRA, 1997: p. 275 – 276.

¹⁶ Seguindo essa linha repressiva, a secretaria de polícia da capital, em 1912, designa o Dr. Pio Benedicto Ottoni, suplente da delegacia do 17º Distrito, ao combate à pornografia e a todas as publicações que considerasse imoral e contra os *bons costumes*, permitindo sua apreensão pela cidade. Diferente do Código Criminal do Império (que determinava a prisão de dois a seis meses por meio do comércio, distribuição e / ou publicação de material que ofendesse a moral pública – além de multas e apreensões) o Código Penal de 1891 não punia especificamente a pornografia, apenas o artigo 282 condenava possíveis atentados ao pudor e aos bons costumes. No entanto, devido essa brecha jurídica, livreiros, donos de quiosques e ambulantes tiveram que enfrentar repressões e apreensões das mercadorias consideradas pornográficas.

uma forma de popularizar o discurso científico, determinado por uma lógica biológica que definiria o comportamento sexual de homens e mulheres, brancos e negros; o que serviria para reforçar hierarquias de classe e de raça. Nestas análises, os romances pornográficos do começo da Primeira República perderiam sua potência de crítica sociopolítica, sendo então distintos dos *romances para homens* oitocentistas. Marcariam assim uma ruptura com a produção pornográfica anterior, pois neles só se notaria uma verve impregnada pela superioridade masculina, pelo discurso cientificista e pelas hierarquias de classe. No entanto, “ao invés de vasculhar a literatura pornográfica antiga à cata de paralelos das variedades modernas de dominação masculina, poderíamos tomar o caminho inverso e lê-la em busca do que ela pode dizer a respeito de mentalidades que não existem mais” (DARNTON, 1996: p. 35).

A partir dessa análise bibliográfica, se encontra uma lacuna na produção historiográfica. Partindo do atual estado da pesquisa sobre o tema, podemos limitar os romances pornográficos da alvorada da modernidade carioca, apenas ao seu caráter falocêntrico e cientificista? A discussão e crítica social, que marcaram os romances pornográficos do século XIX, simplesmente não interessariam aos autores de um período imediatamente posterior, marcado por uma veloz transformação, prenhe de novos conflitos e contradições provocados pelo aprofundamento da modernização da cidade do Rio de Janeiro?

Diante do dualismo que opõe feminino ou masculino, contestador ou normatizador, escolho o caminho da ambivalência. Seria uma inocência idealista tentar buscar uma argumentação pela liberação feminina na pornografia de então, nela há sim um enredo delineado pela perspectiva masculina. Porém, a discussão aqui levantada não privilegia a função masturbatória ((DARNTON, 1996: p. 33) dessa produção (se visava excitar apenas o desejo masculino ou não), mas sim as funções, classificações e significações desempenhadas por esses textos, vistos como documentos históricos.

Moralidades, transgressões e heresias

Para finalizar esse artigo, seleciono um exemplo de escrita considerada pornográfica em seu tempo, a fim de percorrer os enunciados dizíveis sobre a sexualidade no limiar da República no Rio de Janeiro. Percorro também os possíveis espaços de transgressões, pois, segundo Foucault, esses escritores desfrutavam do chamado “benefício do locutor”, isso é: quando se fala de um tema tão polêmico (atravessado por valores morais e por referências médicas), o locutor teria uma “consciência” de sua transgressão, um ato deliberado de desafiar os padrões socioculturais (FOUCAULT, 2010: pp. 12-13).

O documento problematizado é um texto da edição do *Rio Nu* de 01 de janeiro de 1906. Momento de virada do ano, no qual os editores do jornal ficcionalizaram elementos característicos dessa época, principalmente os aspectos sagrados atribuídos ao Natal. Dentre eles, um tema bastante conhecido e preñado de significados socioculturais: os *Dez Mandamentos*:

<p>Doutrina Cristã Os Dez Mandamentos... De várias leis... humanas <u>Primeiro:</u> Enquanto, no derradeiro, Leito, afinal, não repousas De um viver (triste ou fagueiro) <u>Ama sempre ao Deus Dinheiro</u> Por sobre todas as coisas Segundo: Muito embora, as vezes, cures Difícilmente um Pifão [bebedeira] Sempre os <i>Calmanes</i> atures Calmamente... E jamais jures, <u>Por deus... Noé Beberrão</u> Terceiro Guarda sempre (e com respeito) Domingos e dias santas E – unido a tua – no leito Expõe razões~ de Direito... Nos amorosos encantos Quarto: Honra, sempre e dignamente, Aos que te deram o ser... Procure ser mui prudente: - Mordendo-os... unicamente A mais não ser... ou poder... Quinto: Na paz serena do Lar, Tem sempre extremo capricho... Poupando, a esposa, o pesar De ver-te sempre a matar Sem que o liquides: - o bicho...</p>	<p>Sexto Depois de haveres chegado A longa, avançada idade... - Já sendo um livro brochado [livro com capa mole] - Guarda sempre, com cuidado Na algibeira, a Castidade... Sétimo Não furtas misero cobre (Guardado num pé de meia) De algum coitado, algum pobre. Rouba as “pelegas” de um nobre... E não irás para cadeia. Oitavo Não levantes testemunho, Que não seja o verdadeiro E – da noiva ante o rascunho Exibe, por próprio punho, Seu jamegão, por inteiro... Nono Jamais, do próximo... amigo, A cara esposa desejes!... Está tão caro o mastigo Que às vezes, eu mal consigo... Comer, de beijo nos frêjes Décimo Jamais, as coisas, cobiça... - De que elas sejam alheias – E sempre, no ardor da liça [lugar de luta, arena], Da esposa, o borralho, atica Não faça figuras feias!... (Escaravelho. <i>Rio Nu</i>. 01 de janeiro de 1906, p. 9)</p>
---	---

Escaravelho é o pseudônimo escolhido pelo autor. Escolha que por si só já materializa uma ambivalência de significados. Escaravelho: inseto; besouro pesado que, na construção dos *gostos civilizados*, é entendido como nojento, sujo, podre. Escaravelho: inseto sagrado no Egito Antigo, associado aos movimentos solares, a reencarnação e renascimento; sublime, sagrado, puro.

O *Rio Nu* não publicava apenas o periódico, mas também folhetins, romances pornográficos, de leitura rápida e fácil, sempre acompanhada de ilustrações e fotografias. Os autores que escreviam jornais e contos pornográficos, muitos deles eram conhecidos intelectuais da cidade. Escritores de crônicas, romances, peças, as quais tematizavam a cidade e seus

costumes. Essa outra faceta da intelectualidade carioca, a erótica, ainda é pouco explorada. Olavo Bilac, por exemplo, escrevia poesias eróticas para o *Rio Nu* com pseudônimo de Eloy Pontes.

Segundo a historiadora Mônica Pimenta Velloso, os intelectuais da capital do país se dividiam, no final do século XIX, em três grupos: “o grupo Garnier, que se polariza em torno da figura de Machado de Assis; os nefelibatas ou simbolistas, liderados por Cruz e Sousa, e o grupo boêmio, reunido sob a liderança de Paula Nei.” (VELLOSO, 1996: p.35). Este último, era carregado de um humor satírico, encontrando no tema sexual humorizado um espaço possível de crítica aos novos tempos da República, a qual era motivo de desilusão entre os intelectuais dessa geração. Já no início do governo republicano, principalmente no período de Floriano Peixoto, sofreram com a censura imposta a seus ditos.

Nos “10 Mandamentos”, o *Rio Nu*, desfrutando do seu *local de fala* (CERTEAU, 2008: 65-119) que é a imprensa (que se delega a função de *tribuna da verdade*, formadora de opinião pública), propõe um manual de comportamento, não só de assuntos sexuais (masturbação, deveres de um *bom* marido, monogamia e traições, ausência de vigor na terceira idade), mas também assuntos de teor moral - como dinheiro e furto -, bem como brinca com assuntos bíblicos (“Noé beerrão” e “morder pai e mãe”).

Sobre o conteúdo das páginas do *Rio Nu*, destaco duas considerações:

- 1^a) o principal objetivo era a venda, atingir esse novo nicho de mercado inaugurado pela modernização da cidade, onde as editoras investiam no chamado “gosto popular” para ampliar e diversificar o público leitor.
- 2^a) para que um jornal tenha uma vida longa, é necessário que ele consiga estabelecer a comunicação com o público leitor, Isto é: dialogar com o *metal set* (Gombrich, 1995¹⁷) compartilhado entre autores, editores e público.

Dessa forma, a verve criativa do *Rio Nu* buscou se comunicar dentro de um *horizonte de expectativas* inscrito na perspectiva sexual masculina e heterossexual. Em suas páginas encontramos sempre o olhar fálica sobre a cidade, seus costumes e sua gente. No entanto, para além da já esperada visão masculina, tais páginas também nos falam muito sobre o momento vivenciado pelos moradores da cidade na virada do século, num viés ainda pouco conhecida pela historiografia.

O documento selecionado apresenta nuances heréticas e transgressoras, o que mostra o diálogo com a tradição das escritas libertinas modernas analisadas na primeira parte desse artigo.

¹⁷ Para Gombrich: “cada cultura e cada comunicação fundam-se no jogo recíproco de expectativa e observação, isto é, sobre os altos e baixos de satisfação e frustração, suposições corretas e movimentos errados que constituem a nossa vida cotidiana... A experiência da arte não se subtrai a essa regra geral. Um estilo, tanto quanto uma cultura ou uma mentalidade difundida, determina um certo horizonte de expectativa, uma postura mental (*mental set*) que registra todos os desvios e modificações com sensibilidade mais aguda.” GOMBRICH, **Ernst. Arte e Ilusão**: Um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Clássicos da literatura libertina foram intensamente lidos e relidos na capital do país, os mais populares: *Teresa Filósofa* e *Miss Fanny* (repletas de questões filosóficas e históricas); *Memórias de Frei Saturnino* e *Serões do Convento* (de escritores portugueses, são exemplos do momento anticlericalista vivenciado em Portugal, sendo que *Serões do Convento* foi escrito no período em que o autor vivia no Rio de Janeiro). Diante do sucesso de vendas dessas publicações, autores e editores locais, passaram a re-produzir enredos libidinosos, ricos em transgressões e heresias, como exemplo aqui privilegiado. O que gerou uma vasta produção pornográfica: jornais, romances e folhetins que se lia no bonde, nos bulevares, nos quiosques, enfim, no dia a dia da cidade em modernização.

Os textos dialogavam com os contextos. As especificidades da cidade serviam para compor o conteúdo dos jornais de *gênero alegre* e dos *romances para homens*. Entre os títulos, destaco: *Uma noite sem destino* ou *A história de uma orgia no bairro do Catete*; *Lídio, importante romances de cenas noturnas passadas nesta capital*; *A crápula ou história dos libertinos e tartufos do Rio de Janeiro*; *Os homens aventureiros ou cenas para passatempo dos coitadinhos do Rio de Janeiro*. A temática feminina também em tramas como: *Celestina ou A adúltera na noite do casamento*; *Os prazeres de Rosália*; *Suzana e suas Proezas*!; *As sete noites de Lucrecia*; *Gabriela ou Uma cortesã dos tempos coloniais*. *Os Amores das brasileiras*. A política e suas personagens também não foram esquecidas: *Cartas Pornográficas de D. Pedro I*; *Um remorso* ou *Lopes e Lynch nas matas do Paraguai*; *Carta de Napoleão a sua querida*. A Igreja Católica, com seus padres, freiras e monges foram descritos como portadores de uma sexualidade insaciável: *Suspiros de um padre* ou *A crioula de baixo da cama*; *Os frades e as freiras num convento*; *A mulher e o padre*.¹⁸

Em suma, por meio da análise dos *romances para homens* e dos periódicos de *gênero alegre* podemos problematizar as dispersas e diversas nuances da produção pornográfica de então. Compreender seus possíveis diálogos, suas modificações enunciativas, os diferentes usos efetivados em sua época. Sendo assim, a pornografia não se restringi à análises anacrônicas, à função masturbatória ou mesmo ao aspecto dicotômico. O que problematizo nessa documentação, numa perspectiva historiográfica, é a compreensão da *obscenidade* em sua historicidade, por meio das *enunciabilidades* que foram possíveis naquele espaço (a cidade do Rio de Janeiro) e naquele tempo (o início da modernidade carioca).

Considerações finais

¹⁸ Os títulos a seguir foram anunciados por diferentes livrarias no Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas do século XIX. A lista destes e outros títulos pode ser encontrado em: FAR, 1997: pp.190-191.

A modernização produz uma rede discursiva sobre a sexualidade humana, aproveitada em suas potências econômicas (fonte de lucro para editores e autores), políticas e morais (produz comportamentos considerados corretos-saudáveis ou incorretos-doentios).¹⁹ Devido ao apelo popular e ao grande sucesso que o tema sexual fazia (e faz), a produção pornográfica carioca atingia grande parcela da população, daí sua importância como documento histórico.

Por fim, ela também atesta o diálogo com a tradição libertina moderna (no caso do Rio de Janeiro, principalmente, França e Portugal), mostrando uma faceta pouco conhecida da expansão do ideário iluminista: o libertino. Mostra também como a experiência local produz diferenças e diversidades na forma de ficcionalizar a vida. Odores e sabores locais entram em cena para compor uma sátira de costumes do Rio de Janeiro de então. Os *10 mandamentos do Rio Nu*, documento aqui privilegiado, naturalizam comportamentos sexuais e, simultaneamente, criticam a moral da época, rindo dela. E, por que não, produz também o riso de si mesmo no momento em que, entregue ao jogo ficcional de suas páginas, possibilita o diálogo com os leitores através do riso e do gozo compartilhados.

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRIAN. **História da Literatura Erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Ática, 2013.
- BAUDELAIRE, Charles-Pierre. **O pintor da vida moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008..
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 1999.
- _____. Uma revolução da leitura no século XVIII?, In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P. das. **Livros e Impressos**. Retratos do setecentos e do oitocentos. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009, pp. 93-106.

¹⁹ Michel Foucault afirma que na modernidade, ao invés de repressão à sexualidade, inaugura-se uma “vontade de saber”, a qual abre a possibilidade de falar sobre sexo por uma multiplicidade dispersa de discursos que constroem tanto os comportamentos sexuais considerados corretos (heterossexual, monogâmico) quanto as práticas sexuais desviantes (o libertino, o homossexual, o masturbador...). Confira: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 20. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

DARNTON, Robert. Sexo dá o que pensar. In: NOVAES, Adauto. **Libertinos e Libertários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERREIRA, Daniel Wanderson. **As matrizes discursivas do pensamento de Sade**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2010.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FAR, Alessandra El. **Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo**: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. Cadernos Pagu: 2007, volume 0, nº 28, pp. 285-312.

_____. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FINDLEN, Paula. O sentido político e cultural mais antigo. In: HUNT, Lynn. (org.). **A invenção da pornografia** - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920). São Paulo: Rio de Janeiro: USP /Tese de Doutorado, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7ª Ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. História da sexualidade 1: a vontade de saber. 20. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

GOMBRICH, Ernst. **Arte e Ilusão**: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HERSCHANN, Micael; KROPF, Simone & NUNES, Clarice. **Missionários do Progresso**: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10ª ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia**: obscenidade e as origens da modernidade. São Paulo: Hedra, 1999.

MORAES, Eliane Robert. **A pornografia**. Palestra proferida no Café Filosófico CPFL, exibido pela TV Cultura, em 2004. Cultura Marcas, 1 dvd, 55 min.

_____. **O Marquês de Sade e a Loucura da Imortalidade** [entrevista]. São Paulo: Revista de Cultura, nº 5, 2006.

PEÇANHA, Natália Batista. **Uma pedagogia “para homens”**: o Rio Nu e sua função disciplinadora do homem civilizado. São Gonçalo: XV Encontro Regional de História - ANPUH-Rio, Ofício do Historiador: Ensino e Pesquisa, FFP/UERJ, 2012.

PEREIRA, Cristiana. **Um gênero alegre**: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916). Campinas: UNICAMP, 1997.

* * *

Como citar:

CARVALHO, Marina Vieira de. A ficcionalização do desejo: o erotismo e a pornografia como objetos de consumo na modernização da cidade do Rio de Janeiro. **Revista Transversos**. “Dossiê: O Corpo na História e a História do Corpo”. Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 05, pp. 43-60, Ano 02. dez. 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2015.19795.